

A única coisa que difere pornografia de erótico é a grafia. E claro, a nossa opinião. Alguns apontamentos para as artes das sexualidades

Christian Gustavo de Sousa¹

Resumo: Este artigo surge da minha pesquisa iniciada no mestrado e continuada no doutorado, tendo como foco principal as artes das sexualidades, na qual busquei fazer uma análise crítica de como o CIS-tema² de arte traz estas temáticas categorizando-as entre artes erótica e pornográfica e as problemáticas e violências, que surgem junto com esta divisão. Neste texto, vou traçando os caminhos que me levaram a afirmar que a única diferença entre pornografia e erótico está na grafia destas palavras e a partir desta afirmação, proponho o conceito de Pornossexualigrafia para pensar as artes das sexualidades partindo de conceitos como contrassexualidade (Preciado, 2017) e pós-pornografia (Sprinkle, 2010; Kury, 2018, 2021), assim como as definições de CIS-tema de arte numa conversa com a ideia de Dispositivo de arte (Novadvorski, 2021).

Palavras-chave: Arte. Sexualidade. Pornografia. Erótico. Pornossexualigrafia.

¹ Doutorando em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGArtes/UERJ). Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/UFRGS).

² Uso esta ortografia por conta de duas pensadoras brasileiras. Primeiramente, a Viviane Vergueiro: “a corruptela ‘cistema’, entre outras corruptelas do tipo, têm o objetivo de enfatizar o caráter estrutural e institucional – ‘cistêmico’ – de perspectivas cis+sexistas, para além do paradigma individualizante do conceito de ‘transfobia’.” (Vergueiro, 2015) e da Bruna Kury: “com c de cisgênero, palavra criada para localizar pessoas não trans. Fazendo referência com a nomenclatura, cis-tema fala do sistema social centrado na heterocissexualidade compulsória” (Kury, 2021).

As artes das sexualidades começaram a fazer parte das minhas narrativas artísticas durante minha especialização em artes visuais quando realizei o meu primeiro projeto envolvendo o corpo nu: *As cinco cores do sexo* (2011) (Figura 01)³. Até aquele momento, ainda alimentava em minha mente, ainda que não entendesse, a ideia construída socialmente que diferenciava o erótico do pornográfico, dando ao primeiro os privilégios do aceitável e, ao segundo, a tarja da censura. Com a série *As cinco cores do sexo*, me coloco a pensar a questão do nu, elemento constante nas artes visuais. Desde a famosa estátua *Vênus de Milo*, datada de cerca de 130 a.c.; passando pela obra de Botticelli, o *Nascimento de Vênus*, de 1483. Seguindo pelas obras de Picasso e Dalí; chegando às obras fotográficas de Mario Testino, Alair Gomes e Robert Maplethorpe na contemporaneidade. Observamos também o nu no filme de Man Ray, *Le Retour à la Raison*, de 1923. Ou mais recente, no filme *Pobres Criaturas* (2023), de Yorgos Lanthimos ou nos filmes da pornochanchada no Brasil da década de 70. Em todos os tempos, o fascínio pelo corpo humano e sua nudez foi inspiração para diversos artistas.

³ Disponível em <https://bit.ly/CTRCincoCoresdoSexo>.

Figura 01: As cinco cores do sexo - paladar



Chris, The Red. As Cinco Cores do Sexo. Fotografia com intervenção digital. 2011. Brasília/DF. Acervo: artista.

Acessibilidade: a imagem está em formato vertical. É predominante preta e branca com uma área em vermelho transparente sobre a imagem no canto inferior esquerdo. A imagem contém várias intervenções gráficas e é uma colagem de várias fotos feitas pelo artista com um único modelo que se identifica enquanto homem cis gay pardo jovem. Em uma das partes, no canto inferior direito, ele usa um cachecol ao redor do pescoço e um chapéu e segura uma xícara. Em outro ponto, central superior, há um detalhe da xícara com caracteres em japonês e um pedaço do pau do modelo. Em outro ponto da imagem e com destaque, mostra o rapaz desnudo sentado de costas. A imagem faz parte de uma série de cinco imagens, na qual cada uma representa um dos 5 sentidos (visão, tato, olfato, audição e a apresentada nesta figura é a do sentido do paladar).

E foi ao fotografar aquele corpo nu, pela primeira vez, para a construção de um trabalho artístico que me deparei com a dualidade arte erótica e arte pornográfica e naquele momento, minha percepção acreditava que aquela série era um trabalho erótico e não, pornográfico.

Ao longo dos anos, meus caminhos foram se cruzando com os de tantas pessoas e escritas que me ajudaram a romper com essa falsa dualidade entre as ditas

artes eróticas e pornográficas e como o CIS-tema de arte se utiliza destas categorizações como antagônicas para determinar o que pode e o que não pode nas legitimidades dos espaços artísticos e, assim, promover o silenciamento, apagamento e violências a partir de uma visão construída sob uma ótica masculinizada cis patriarcal elitista capacitista branca. Além disso, nesses anos de estudo e pesquisa, perceber que a diferença entre arte erótica e arte pornográfica, para além de uma questão de grafia, é só uma questão de opinião. Ou como disse Alain Robbe-Grillet: “pornografia é o erotismo do outro” (Moraes; Lapeiz, 1985, p.8).

Com a finalização da minha especialização, a semente ficou plantada e, nos anos seguintes, fui penetrando mais fundo nos espaços da sexualidade para compreender o que significava o fotografar de uma corpa⁴ desnuda, para entender o próprio ato de desnudar-se para a construção de um trabalho artístico e como diferentes corporeidades refletem diretamente no pensar sobre as artes das sexualidades. Aprender conceitos como público, privado, íntimo, erotismo, pornografia, nudez e suas intersecções com a arte e as construções dos espaços artísticos foi também importante para pensar como esta dualidade erótico *versus* pornográfico foi construída. Em 2018, fui apresentado aos conceitos de Pós-pornografia⁵ e Contrassexualidade⁶, que me provocaram ainda mais a pensar nas artes das sexualidades para além dessas interpretações sociais (público, privado, íntimo, erótico, explícito, velado etc.)

⁴ Utilizo o termo “corpa” ao invés do masculino “corpo” como uma forma de provocação e seguindo o que diferentes escritas têm, recentemente, trazido. Esta discordância de gênero na escrita da língua portuguesa tem a finalidade de quebrar com a linguagem androcêntrica que assume o masculino como único modelo de representação do coletivo. Assim, em diferentes partes deste artigo, você poderá ler “corpe” ao invés de “corpo”, ou ainda “es artistes” no lugar de “os artistas”. E também pensar o corpo para além de um “objeto” de arte como escreve Henri-Pierre Jeudy (2002) que o faz a partir de um ponto de vista de um território colonizador localizando o corpo como um objeto de arte e eu prefiro pensar nossas corpas como espaços-afetivos de arte, pois nossas corpas são atravessadas por afetos, sentimentos, experiências que não são deixadas de lado quando estas mesmas corpas se tornam espaço de arte.

⁵ Sobre Pós-Pornografia, ouvir o episódio 03 do meu podcast Diários Vermelhos. Disponível em <https://bit.ly/DiariosVermelhos>.

⁶ Sobre Contrassexualidade, ouvir o episódio 02 do meu podcast Diários Vermelhos. Disponível em <https://bit.ly/DiariosVermelhos>.

Em 2020, começo meu mestrado em artes visuais, no qual me coloco como objetivo de pesquisa para fazer uma análise crítica do CIS-tema de arte e da relação com as artes das sexualidades a partir de diversos marcadores sociais. Nesta Jornada-Mestrado, em 2022, ao defender minha dissertação, apresento o conceito de Pornossexualigrafia e o faço com a convicção de que um novo caminho para pensar as artes das sexualidades se faz essencial uma vez que esta distinção entre erótico e pornográfico não deve mais se prolongar por trazer junto com ela violências, apagamentos, silenciamentos, tabus e preconceitos. Ao longo deste artigo, me aprofundarei nesses caminhos levemente introduzidos nestes parágrafos iniciais para que fique mais explícito tal pensamento e como este me conduziu a construir a ideia do que comecei a chamar de artes pornossexualigráficas. Vamos lá.

A pornografia como escrita

A pornografia nunca me foi estranha, assim como o desejo e a vontade de entender o que faz meu corpo gemer, se contorcer, gozar. Por muitos anos, apreendi o que CIS-tema social me dizia sobre o erótico e o pornográfico, apesar de nunca ter feito sentido tal distinção, uma vez que do meu ponto de vista, ao passar pela banca de jornal e ver a capa de uma revista G Magazine ou Playboy exibida sem tarjas e uma zine do tipo daquelas que traziam a tal tarja preta, para mim era a mesma coisa. Tão logo comecei a visitar museus e exposições também não entendia as razões que levavam algumas obras a serem proibidas para mim e outras, que eu achava tão erótica/pornográfica quanto essas me eram permitidas a exibição.

Crescemos com esta regrinha do que era permitido ou não aos nossos olhos. Por sorte, ou destino, tenho ao meu lado uma mãe – que também é pedagoga – e me ensinou a importância de ter a mente aberta, sem tabus, preconceitos ou censuras sobre sexualidade, sobre meu corpo. Me ensinou o respeito às demais corpos, sobre entendimento, consentimento e a questionar regrinhas que buscam colocar as pessoas

em caixas disso ou daquilo. Esta é a chave que tem me acompanhado desde então: questionar.

Os CIS-temas estão sempre nos dizendo o que podemos ou não ver, o que é erótico e o que é pornográfico, mas tudo isto com um único objetivo: controle sobre nossas corpos, sobre o papel que fomos designados a desempenhar a partir do que veio entre nossas pernas. Um controle advindo de uma hiper racionalização de nossas existências, mas como pontua Michel Maffesoli (2005), o conhecimento do erótico será um instrumento para construir outros laços de sociabilidade e de afeto – e indo para além do termo, pois “erótico”, sob minha perspectiva, guarda em si muito da higienização pretendida pelos mecanismos de controle – de forma que prefiro pensar pelo caminho do conhecimento da sexualidade como este instrumento.

A sexualidade como tecnologia de construção de afetos, de outras escritas tais como a própria origem da palavra *pornografia*, como apresentada por Walter Kendrick, no livro *El museo secreto* (1995) e também trazida no texto *Museu, lixo urbano e pornografia* (2018), de Paul B. Preciado, sobre as raízes gregas da palavra pornografia, como “escritas de prostitutas” e aqui, me permito pensar a pornografia como um desejo de expressão. Uma vontade de voz tendo como ponto que a escrita é uma forma de expressão, de desejo e a pornografia vem como essa transposição para um expressar, um tornar visível. A pornografia como vivências da sexualidade. Assim, a pornografia é expressão, é voz, é opinião de pessoas que vivem em si os desejos mais essenciais da nossa sexualidade. O desejo da prostituta não apenas pelo uso do seu corpo enquanto gozo, mas também enquanto conhecimento.

E aproveito para lembrar o que nos traz Maffesoli, no livro *O mistério da conjunção* (2005), da prostituição como sagrada e social. De acordo com ele, a prostituição traz uma origem religiosa. “Na Índia, no mundo grego e também entre os hebreus, a prostituição sagrada feminina e masculina era muito desenvolvida” (p. 30) e permitia às pessoas o êxtase e o conhecimento de si a algo mais amplo e para além, “era

exercida em público, mostrando assim que o sexo livre era de todos [todas e todes]” (p. 31).

No entanto, ao longo do tempo, foi tirado da pornografia a voz, o sagrado e a liberdade e dado a ela o sujo, o vulgar, o interdito, o privado, o pecado, o que deve ficar calado. Foi dada a ela o patriarcado, o machismo, o sexismo, os espaços secretos da aristocracia. Foi dada a ela a indústria para a realização do monoprazer do ser que mete.

Assim, a voz se perdeu e, no lugar, ascendeu uma outra ideia de pornografia: uma cultura do pornô ou Pornocultura (Attimonelli & Susca, 2017) e que nos rodeia em todos os espaços: nas indicações etárias do audiovisual; nas salas 18+ das exposições; no vídeo adulto totalmente roteirizado; na falta de um programa de educação sexual nas escolas; nas igrejas com discursos de ódio sobre ideologias de gênero e kits gays; nos vídeos com pessoas trans ocupando os primeiros lugares nas listas dos mais buscados nos sites de conteúdo adulto da mesma forma que ocupa o primeiro lugar na lista dos países que mais mata pessoas trans no mundo; na indústria que reproduz todos os preconceitos e estruturas hegemônicas sociais; nos sexos limítrofes à reprodução. É esta mesma pornocultura que ocupa as normatividades do CIS-tema de arte.

Entre CIS-temas e dispositivos, as artes das sexualidades

Os CIS-temas seja o judiciário, o médico, o acadêmico entre outros foram construídos também como uma forma de regularização de nossas corpos, de nossas identidades de forma que refletem e perpetuam todas as construções normativas de gênero, raça, classe, sexualidade violentando qualquer desvio a esta norma. O CIS-tema de arte não fica de fora. Nas palavras de Maria Amélia Bulhões, o CIS-tema⁷ de arte é um

⁷ Importante salientar que Maria Amélia Bulhões não faz uso do termo “CIS-tema”, mas “sistema” mesmo. Opto pela forma CIS-tema pelo já exposto na nota de rodapé 2.

Conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, difusão e consumo de objetos e eventos por eles mesmos rotulados como artísticos e responsáveis também pela definição dos padrões e limites da arte para toda uma sociedade, ao longo de um período histórico (Bulhões, 2014, p. 15-16).

No meu entender, acho esta definição talvez não ultrapassada, mas insatisfatória, excludente e super-racional. A arte, entre tantas coisas que pode transitar, uma que ela não pode exercer é uma ultra racionalização. Falta nesta definição a emoção e o espiralar. “A emoção como estrutura antropológica, cujos efeitos ainda devem ser estudados, e não como simples fenômeno psicológico ou um estado de espírito sem consequências” (Maffesoli, 2005, p. 15). O espiralar como uma possibilidade epistemológica do que Leda Maria Martins nos traz no livro *Performances do tempo espiralar* (2021), no qual o tempo “é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade, conhecimentos esses emoldurados por uma certa cosmopercepção e filosofia” (p. 22).

De forma que definir o CIS-tema de arte como um conjunto com padrões e limites me parece mais um conjunto de exclusões do que pensar as possibilidades que a arte pode nos proporcionar, pois que padrões são esses? Quem os determinou? Quem impõe os limites? Em outro trecho, Maria Amélia Bulhões cita o pensamento de Pierre Bourdieu de que o CIS-tema de arte pode ser pensado como o campo de um jogo e que para jogar é preciso não apenas conhecer as regras, mas respeitá-las ainda que não concorde com elas e tudo isto reverbera ainda mais na manutenção de poder e do CIS-tema de arte como mecanismo de dominação:

Com uma perspectiva desmascaradora e dessacralizante, o autor [Bourdieu] afirma que o que faz com que o campo funcione é a crença coletiva nos valores nele estabelecidos. O que cria a magia e o valor "artístico" dos objetos é a trama de todos os agentes que participam dele e sua crença nas tradições e na estrutura já estabelecida. Os valores se estabelecem nesta rede de relações e nela se constrói também o próprio conceito de "arte", uma vez que o valor da obra e o valor da própria arte estão intimamente ligados. O poder do sistema da arte é maior na medida em que a trama que o legitima

encontra-se mais oculta, tanto aos que nele estão envolvidos quanto aos que dele estão excluídos (Bulhões, 2014, p. 18-19).

Em outras palavras, Maria Amélia nos aponta que para o CIS-tema se manter é vital a manutenção de sua estrutura, de sua institucionalização que mantém os *status quo* e controla as mudanças e, ao fazê-lo, estabelece as violências, discriminações e as hierarquias do CIS-tema de Arte: “As estruturas de poder mascaram-se por meio da crença na magia do criador e na individualidade autônoma das produções, na sabedoria despolitizada dos críticos e na devoção abnegada dos consumidores” (Bulhões, 2014, p. 18-19).

Esta ideia hierárquica e de dominação reverbera também, e especialmente, no campo das artes das sexualidades. Durante muito tempo, como afirma Afonso Medeiros, “o erótico (aliado à sensualidade) foi a expressão permitida do corpo, enquanto que o obsceno [pornográfico] (identificado como impureza e aliado ao excesso e ao desregramento) foi a visão interdita desse mesmo corpo” (2008, p. 29) e “a simples menção da palavra ‘pornografia’ acarreta estranhamento e, no campo das artes visuais, resume-se tudo ao termo ‘erotismo’” (Afonso Medeiros, 2010, p. 464) e tem sido esse discurso que vem alimentando por anos como as artes das sexualidades são tratadas e categorizadas.

Por isso, o conceito dado por Maria Amélia Bulhões para o CIS-tema de arte é problemático, pois os tais limites e padrões são os mesmos que fazem do erótico o higienizante das artes de forma que a própria ideia de CIS-tema de arte precisa ser revista e, neste intuito, prefiro o proposto pelo artista visual, crítico de arte e pesquisador Bruno Novadvorski que defende a ideia de dispositivo de arte (Novadvorski, 2021):

Penso que a arte, enquanto dispositivo, acontece de formas distintas dentro da sociedade, atravessando campos sociais, políticos e econômicos. Motivo que me faz entender o dispositivo de arte como importante dentro da construção de uma sociedade, pois quando penso na arte de maneira ampla, aspiro-a como propulsora de subjetividade, auxiliando os sujeitos na formulação de si. Acontecimento que reverbera na construção da subjetividade coletiva, ou

seja, o dispositivo de arte pode ser um importante aspecto para a construção de uma sociedade mais humana e crítica (Novadvorski, 2021, p. 26-27).

E a partir deste seu pensamento é que gostaria de trazer alguns pontos sobre a ideia de dispositivo, o que será essencial para melhor entender quando afirmo no título deste texto que a única coisa que diferencia o erótico do pornográfico é a grafia. No entanto, não é objetivo aqui me aprofundar no conceito em si de dispositivo, mas sim, fazer um recorte das várias discussões sobre tal.

Nos vários escritos que se propuseram a pensar a discutir sobre dispositivo, especialmente, os de Foucault (1977) – e a partir deste, Deleuze (1996) e Agamben (2009) – um ponto que me interessa é quando estes autores associam ao termo dispositivo o termo rede. Foucault o faz afirmando que rede é um conjunto heterogêneo que se estende desde discursos e leis a instituições, estruturas arquitetônicas e proposições filosóficas: “o dispositivo é a rede que se estabelece entre estes elementos” (Foucault, 1977, p. 299; em tradução feita por Agamben, 2009, p. 24). Pensar dispositivo enquanto rede é pensar enquanto teias múltiplas que podem ser alteradas a todo tempo em um constante processo de transmutação e conexão com o seu tempo. Como escreve Deleuze,

No dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objeto, o sujeito, a linguagem etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações (Deleuze, 1996, s/p).

Em outras palavras, no dispositivo enquanto rede, conexão ou vivências, a ideia de uma universalização das coisas se fragiliza uma vez que impor limites e padrões perde sentido quando este universal é excludente e não representa a complexidade de nossos desejos, de nossas existências. Disso vem um segundo ponto trazido nas escritas destes autores: o da subjetivação. “Os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito” (Agamben,

2009, p. 37). Este ponto se torna importante quando voltamos ao que Bourdieu traz sobre o CIS-tema de arte ser um campo de jogo com regras as quais quem decide jogar deve respeitar, mas isto não leva em conta a subjetividade das pessoas que jogam, pois somos seres plurais, nossas construções não são estáticas e imutáveis e a forma como nos relacionamos com estes dispositivos também não o são. De forma que este jogo proposto por Bourdieu acaba por apagar as subjetividades uma vez que propõe que as pessoas é que devem se moldar ao sistema, em outras palavras, gera apagamentos, exclusões. Por isso, pensar a partir da ideia de dispositivo me parece mais interessante, uma vez que traz junto a construção do sujeito.

Ao mesmo tempo, e apesar de Foucault atribuir que o dispositivo se inscreve sempre numa relação de poder, é necessário destacar que esta relação de poder, liberdade e construção dos sujeitos estão intimamente relacionadas. De acordo com Foucault (1995), liberdade e poder existem em uma relação de provocação mútua e coexistência e uma vez retirada a liberdade de resistência às relações de poder, torna-se coerção. De forma que

estados de dominação, nos quais as relações de poder, em vez de serem móveis e permitirem aos diferentes parceiros uma estratégia que os modifique, se encontram bloqueadas e cristalizadas. Quando um indivíduo ou um grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, torná-las imóveis e fixas e a impedir qualquer reversibilidade do movimento - por instrumentos que tanto podem ser econômicos quanto políticos ou militares -, estamos diante do que se pode chamar de um estado de dominação. É lógico que, em tal estado, as práticas de liberdade não existem, existem apenas unilateralmente ou são extremamente restritas e limitadas (Foucault, 2006, p. 266).

E é esta relação mais coercitiva que, muitas vezes, observamos presentes no CIS-tema de arte, especialmente, quando estamos pensando nas construções artísticas em torno da sexualidade. De forma que pensar enquanto dispositivo de arte – no lugar de CIS-tema de arte – é traçar outros caminhos para as artes das sexualidades e para categorizações colocadas por este CIS-tema como antagônicas, como é o caso do erótico e do pornográfico.

A única diferença

Ao pesquisar as artes das sexualidades junto ao CIS-tema de arte, é nítido o antagonismo dado ao que é colocado como erótico e ao que é colocado como pornográfico, mas quem pode determinar o que é um e o que o outro? Existe de fato uma diferença entre ambos? Existe um elemento que possa caracterizar uma obra como erótica e não pornográfica e vice-versa? Da mesma forma que questiono quem pode determinar as regras do CIS-tema de arte, quem pode determinar como tal obra é categorizada nesta escala erótico-pornográfica?

Em 2023, participei de uma exposição chamada *Erotic*, na galeria OLugar arte contemporânea, composta por Andrujo Lima, Anita Fizon, Cris Cabus, Eduardo Mariz, Elmo Martins, Maria Cherman, Sandra Passos, Julio Lima e Paulo Jorge Gonçalves, na cidade do Rio de Janeiro, com a obra intitulada *Você não é artista #02* (2022) que faz parte de uma série homônima (Figura 02)⁸. Esta série surgiu justamente do fato de já ter ouvido diversas vezes e em diferentes momentos – inclusive, durante o mestrado, de uma docente do programa – que eu não era artista e que meus trabalhos não eram arte, mas putarias. Desde então, chamo minhas construções artísticas de Putarias Artísticas⁹.

⁸ Disponível em <https://bit.ly/CTRVoceNaoEArtista>. Acesso em 20 de março de 2024.

⁹ A princípio, “isso me causava muitos incômodos, mas também já fui chamado tantas vezes de boiola, baitola, viado, bichinha e tantos outros termos para se referirem à minha bixice que ou a gente pega toda esta energia e a recanaliza ou adoecemos ou morremos. Então, se o que faço é putaria, que sejam Putarias Artísticas” (de Sousa, 2022, p. 285).

Figura 02: Você não é artista #02



Chris, The Red. Você não é artista #02. Série Você não é artista. Fotografia. 50 x 75 cm em papel Photo Matte. 2022. Rio de Janeiro/RJ. Acervo: artista.

Acessibilidade: a imagem está em formato vertical com fundo totalmente na cor vermelha. No primeiro plano, é o corpo do artista totalmente nu em uma posição que esconde a parte superior do seu corpo e dar destaque para sua bunda, saco escrotal e membros inferiores. Na parte traseira de sua perna esquerda, está pintado com tinta guache vermelha a frase “Você Não é Artista”, começando na altura do calcanhar e terminando na parte superior da nádega esquerda.

Voltando a exposição, durante a sua realização, aconteceram algumas conversas com os artistas participantes para falarem sobre suas próprias obras e havia

uma afirmação recorrente em suas falas: de que suas obras eram eróticas, por este ou aquele motivo, e que isso as distanciava do pornográfico. Em outro momento, uma visitante, ao comparar duas obras expostas lado a lado, enunciou abertamente que uma delas era obra de arte; a outra, não. A primeira, um objeto escultórico todo em cor rosa, tamanho médio, composto por três elementos: um cérebro sendo acariciado por duas mãos. Ambas adentravam o cérebro como num processo masturbatório e o cérebro se moldava a estas mãos como se fosse uma buceta, um cu ou uma glândula. A segunda, uma fotografia no formato quadrado, tamanho 90 x 90 cm, com uma pessoa agachada de quatro, de forma a exibir sua bunda, colocando em destaque seu cu, aberto com um espelho, do qual sai uma bandeira do Brasil (Figura 03). Pensando a partir da dualidade imposta pelo CIS-tema de arte, para a visitante, a primeira produção, enquanto obra de arte, era erótica. Já a segunda, por ser considerada pornográfica, não era reconhecida como obra de arte, e não deveria estar ali. Uma outra artista, ao falar de sua própria obra, define-a como erótica, pois ela era sublime e não vulgar. Enquanto outro visitante, ao ver a obra da bandeira do Brasil saindo de um cu, diz que tal obra é política e não erótica.

Figura 03: Exposição Erotic

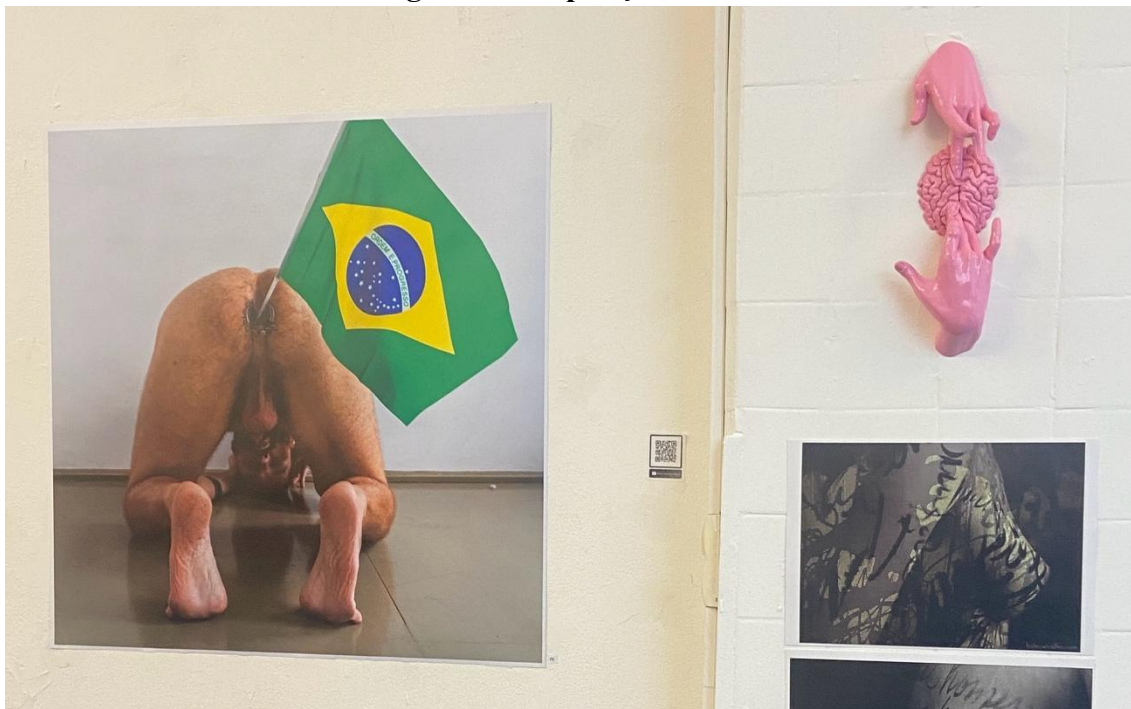


Imagem da exposição Erotic. Rio de Janeiro/RJ. 2023. Registro: Chris, The Red.

Lado esquerdo: Bruno Novadvorski. Praça da Bandeira. Fotografia. 90x90cm. Rio de Janeiro/RJ. 2022.

Lado direito superior: Rafael Coppola Defelippe. Sem título. Escultura. Rio de Janeiro/RJ. 2023.

Acessibilidade: a imagem está em formato horizontal e foi feita na abertura da exposição Erotic. No lado esquerdo da foto, ocupando mais da metade da imagem, está uma fotografia no formato quadrado, tamanho 90 x 90 cm, com uma pessoa de pele clara agachada de quatro, de forma a exibir sua bunda, colocando em destaque seu cu, aberto com um espécule, do qual sai uma bandeira do Brasil. No lado direito superior da foto, tem um objeto escultórico todo em cor rosa, tamanho médio, composto por três elementos: na parte central, um cérebro sendo acariciado por duas mãos que se encontram uma acima do cérebro e a outra, abaixo. Ambas as mãos adentravam o cérebro como num processo masturbatório e o cérebro se molda a estas mãos como se fosse uma buceta, um cu ou uma glândula. Na parte direita inferior da foto, tem uma fotografia horizontal em tons monocromáticos de um seio e partes de um torso nu coberto com diversas palavras pintadas com tinta preta. Todas estas obras estão presas em uma parede branca.

Por fim, uma outra artista participante da exposição, ao observar que havia muitas obras com falos sendo exibidas, logo concluiu que tal exposição era falocêntrica, sem observar o contexto nos quais os falos se encontravam, inclusive, vivências partindo de artistas trans e não-binários.

Em 2023, uma professora de um colégio nos EUA foi demitida após ter exibido em sala de aula, com estudantes entre 11 e 12 anos, imagens da famosa escultura de Davi, de Michelangelo. Diante do absurdo, Cecilie Hollberg, diretora da Galeria da Academia de Florença, afirmou que “existe uma grande diferença entre nudez e pornografia” e acrescenta “Realmente, é preciso ter uma mente distorcida para confundir”.¹⁰

Todos estes fatos demonstram o quanto o olhar é subjetivo, ou seja, é do sujeito e da sua própria constituição enquanto tal. John Berger escreveu:

Só vemos aquilo que olhamos. Olhar é um ato de escolha. Como resultado dessa escolha, aquilo que vemos é trazido para o âmbito do nosso alcance, ainda que não necessariamente ao alcance da mão. Tocar alguma coisa é situar-se em relação a ela. Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos. Nossa visão está continuamente ativa, continuamente em movimento, continuamente captando coisas num círculo à sua própria volta, constituindo aquilo presente para nós do modo como estamos situados (Berger, 1999, p. 10-11).

E sendo tão subjetivo este olhar, diferenciar as artes das sexualidades entre arte erótica e pornográfica nada mais é que um mecanismo de controle social para determinar o que pode e o que não pode, o que é permitido e o que é proibido, assim como que corpos podem estar ou não nesses espaços. Mas no fim das contas, não existe uma diferença real entre elas a não ser a grafia de como são escritas: E - R - Ó - T - I - C - A / P - O - R - N - O - G - R - Á - F - I - C - A.

As artes das sexualidades são o que são, nem mais ou menos eróticas e/ou pornográficas. Elas são grafias de um desejo artístico ou, como prefiro, artes pornossexualigráficas.

¹⁰ Ver em

<https://www.otempo.com.br/mundo/polemica-nos-eua-sobre-davi-de-michelangelo-causa-indignacao-na-italia-1.2838638>. Acesso em 30 de julho de 2023.

Outros caminhos: as pornossexualigrafias

Durante meu mestrado e diante do meu incômodo sobre as relações dos espaços artísticos com as artes das sexualidades, me propus a pensar esta temática tendo como referenciais iniciais conceitos como contrassexualidade e pós-pornografia, a partir dos pensamentos de Paul B. Preciado, Annie Sprinkle e Bruna Kury.

No seu livro *Manifesto Contrassexual* (2017), Preciado discorre suas reflexões e críticas em relação à estrutura social embasada na “diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado” (p. 21) e nos traz a ideia da contrassexualidade como a possibilidade de novas percepções, rupturas e mudanças na forma como nos relacionamos socialmente a partir dos binarismos “macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual” (p. 22), uma vez que esses discursos são produções de tecnologias utilizadas por alguns corpos para dominarem outros. Assim, a partir dessa ruptura, Preciado compreende os corpos não mais pela perspectiva binária (macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino), mas como “corpos falantes” (Preciado, 2017), ou seja,

Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. (Preciado, 2017, p. 21).

Assim, corpos falantes é essa possibilidade de ressignificação da nossa própria corporalidade, buscando outras vivências sociais, distanciando-se, ou melhor, rompendo com os binarismos biológicos estruturalmente impostos. Em outras palavras, sua crítica reside na estrutura ou modelo social que temos hoje, principalmente, em se tratando do ocidente. Nesse modelo, renunciar à condição tida como “natural” de ser homem ou mulher e, a partir daí, entender que, independentemente se nasceu-se com pau ou buceta

ou os entremeios – abdicar de tudo que esteja ligado a essa dicotomia e estabelecer outras possibilidades e conexões.

Para quebrarmos a construção de um corpo masculino e um corpo feminino e, assim, pensar outras pluralidades e potências existentes em outros sujeitos de existência, como as corpos trans, não binárias, intersexuadas, corpos modificados, entre outras, Preciado aponta que devemos escapar de tudo que esteja ligado estruturalmente com as marcas de sexo e gênero. E a partir dessas fugas, as corpos falantes têm como prioridade: invalidar o sistema de reprodução heterocentrado, ressexualizar o ânus, separar atividades sexuais das reprodutivas, abolir a família nuclear, entre outros. Assim, “no âmbito da sociedade contrassexual, os corpos falantes [as corpos falantes] se chamarão ‘pós-corpos’” (Preciado, 2017, p. 35 - 43).

Essa proposição de Preciado é importante para pensarmos também novas possibilidades para as artes das sexualidades, uma vez que incidem sobre elas todas essas dicotomias e normatividades. Quando uma pessoa defende que tal obra é erótica e outra, pornográfica, isto é uma construção social que também vem desses modelos estabelecidos, dessas estruturas de poder que tiraram do pornô o seu afeto e fizeram de nossos desejos pornográficos, espaços de violência, como os que podemos observar nas indústrias pornográficas tradicionais.

A partir disso, penso que o Movimento Pós-Pornográfico – ou como algumas pessoas preferem: Pornô Desviante/Dissidente – vem como uma ferramenta tecnológica contrassexual para romper com esses modelos e essas indústrias.

O termo “pós-pornografia” surgiu oficialmente, em 1988, com a artista, diretora, sexóloga, performer, que também foi prostituta e atriz pornô estadunidense, Annie Sprinkle. Em 1989, Annie e uma série de outras artistas assinaram o *The Post Porn Modernist Manifesto*. Em entrevista para Tim Stüttgen e publicada no livro *Post Porn Politics* (2010), Annie explicou as origens do termo:

The term “Porn Modernism” was originally created by Dutch artist Wink van Kempen for a photography show he was having. His title resonated with me,

so I asked if I could rework it for the title of my first one-woman show. I named my show Post Porn Modernist. Later I started calling the porn I was producing and directing Post Porn, intending to describe porn that wasn't mainstream porn; it was more political, experimental, feminist, humorous, conceptual... and not necessarily focused on being erotic. In the 70s and 80s I just really wanted to turn people on. But then around 1988 I stopped caring if people got hot and just did whatever the hell I wanted (Annie Sprinkle, 2010, p. 102).¹¹

Apesar da importância de Sprinkle na construção da pós-pornografia, estou muito mais alinhado ao pensamento das Pornografias do Sul (Nogueira, 2015), como, por exemplo, nos escritos da Bruna Kury sobre pós-pornografia que defende o prazer sentido de diferentes formas, inclusive, pela desgenitalização do sexo e que todas as corpos, corpes e corpos podem ser desejantes e desejáveis (2018). Ela ainda escreve:

A póspornografia como tática de guerrilha contra a maquinaria da heteronorma, contra a indústria do pornô convencional, contra a indústria estético-farmacêutica e etc. Portanto, é sobre cuidado nas relações, denúncia aos opressores e gozo para/na dissidência. Questões como a desgenitalização do desejo, o exercício de outras possibilidades, o auto prazer e o conhecimento - e entendimento - ao próprio corpo (Kury, 2021, p. 15).

Contrassexualidade e pós-pornografia emergem como instrumentos importantes para pensar as novas relações da sexualidade com o campo das artes. No entanto, apesar de essenciais, não são suficientes para romper com as estruturas erótica e pornográfica do CIS-tema de arte. Talvez a contrassexualidade, tal como pensada por Preciado, tenha surtido mais efeitos na Espanha, na França, nos EUA ou pelas demais cidades onde Preciado vive[u], mas não para nós, ainda mais para as estruturas

¹¹ Tradução extraída do artigo *O Movimento de Arte Pornô: a Aventura de uma Vanguarda nos Anos 80*, publicada na revista *Ars*: O termo “Modernismo Pornô” foi criado originalmente pelo artista holandês Wink van Kempen para uma exposição de suas fotografias. Seu título mexeu comigo, por isso perguntei se poderia reformulá-lo para o título de meu primeiro espetáculo solo. Chamei meu espetáculo de Post Porn Modernist (Modernista Pós-Pornô). Mais tarde, passei a chamar o pornô que eu produzia e dirigia de Pós-Pornô, com a intenção de descrever uma pornografia que não era a dominante; era mais política, experimental, feminista, bem-humorada, conceitual... e não necessariamente preocupada em ser erótica. Nos anos 1970 e 1980 eu só queria mesmo era excitar as pessoas. Mas por volta de 1988 parei de me preocupar com esse estímulo sexual e comecei a fazer o que me vinha na telha. (2013, p. 49). Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/80655>. Acesso em 30 de julho de 2023.

brasileiras de interseccionalidade entre raça, gênero, classe e sexualidade, nas quais eu, enquanto cidadão brasileiro, estou inserido. Por aqui, é como escreve Leandro Colling no prefácio do livro *Metafísicas Sexuais*, de Martin de Mauro Rucovsky e Bryan Axt (2022): “Preciado, aqui, passou por um processo de crítica e decolonização sudaka¹² e, por isso, o Preciado que lemos aqui se transformou em algo muito mais interessante que o espanhol” (Colling, 2022, p. 11). Da mesma forma, o pensamento pós-pornográfico estadunidense e espanhol precisou passar por uma regurgitação e a contribuição de Bruna Kury foi fundamental para esta construção de um pós-pornô sudaka.

E tudo isto foi importante para eu pensar na ideia do que chamei de Pornossexualigrafia.

Grafar novas vias para as artes das sexualidades é resultado de vivências e histórias marcadas pelas (e nas) muitas outras corpas que gestam saberes, provocam reflexões para além das canonizadas. Para essas novas grafias acontecerem, é preciso deixar de lado os saberes já legitimados através dos tempos, saberes esses que se tornaram figurinhas tarimbadas nos espaços acadêmicos e que perpetuam os aspectos colonizadores e as tradições conservadoras e mantêm os discursos sempre nas mesmas bolhas das epistemologias e das corporeidades. Botas antigas nem sempre comportam novos pés e construções teóricas antigas nem sempre comportam novas danças e performances das nossas sexualidades nas artes (de Sousa, 2022, p. 205).

Entendo que esses movimentos, como contrassexualidade e pós-pornografia, são recentes, datados dos anos 80, surgidos das questões referentes tanto à indústria audiovisual pornográfica como às teorias e reivindicações das feministas, de forma que ainda podem ser compreendidos como conceitos em construções e, como tal, alcançando outros espaços e linguagens, como: a fotografia, a performance, a escrita etc. Nesse sentido, a pós-pornografia, por exemplo, também pode ser compreendida como um movimento não unificado ou codificado (Sarmet, 2014), o que permite uma

¹² Importante frisar que apesar de o termo “sudaka” ou “sudaca” ter surgido na Espanha como um termo pejorativo para referir-se a uma pessoa sul-americana, por aqui, temos justamente utilizado o termo sudaka com o propósito de ressignificá-lo e referir-nos a um conjunto de saberes que surgem a partir de uma visão decolonial e rompendo com os padrões eurocêntricos e estadunidenses de construção de saberes.

pluralidade de ações que podem ser definidas por artistas como pós-pornográficas. No entanto, essa mesma abertura para uma pluralidade precisa ser observada com cautela para que, numa ânsia por se apresentar como dissidente em termos de sexualidade, nós, artistas, não reproduzamos práticas sociais machistas e normativas advindas dos pensamentos do norte global e que ainda subjugam e subalternizam corpos à branquitude, ao prazer do sujeito penetrador, aos binarismos, entre outros sérios e problemáticos processos de controle das corpos e das histórias (Kury, 2021). É preciso observar como o CIS-tema de arte normativo se aproveita das pautas artísticas [pós]pornográficas para consolidar suas narrativas hegemônicas. Além disso, nos atentarmos como tem sido essa expansão do movimento pós-pornográfico ao longo dos anos e em diferentes lugares, pois o pós-pornô a partir de Annie Sprinkle, em um contexto estadunidense, é diferente do trazido por Diana Pornoterrorista em um contexto espanhol e Bruna Kury, no contexto brasileiro, para citar apenas algumas, e como são estabelecidas as relações de poder e de narrativas diante dessas construções-outras. Como escreve Bruna, pós-pornografia é sobre cuidado (Kury, 2021). (Pós-)Pornografia é sobre afeto.

Pensar as artes das sexualidades sob a ótica da pornossexualigrafia é uma estratégia a que me propus para plantar a semente para outras construções da sexualidade nas artes e para enterrar de vez a dualidade: erótico versus pornográfico.

A pornossexualigrafia não é sobre o velado ou o explícito, sobre o implícito ou o vulgar, sobre o desnudar ou o esconder, sobre o proibido ou o permitido, sobre o público ou o privado, sobre a heresia ou o sagrado, ela é sobre a essência de si. Maurice Merleau-Ponty, no livro *A Fenomenologia da Percepção* (2018), afirma que “a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo” (p. 1). Partindo daí, tenho refletido na construção do que poderia começar a chamar de uma Fenomenologia da Pornossexualigrafia e entendê-la como o estudo da essência de nossos desejos. Assim, as artes pornossexualigráficas seguem para além das divisões

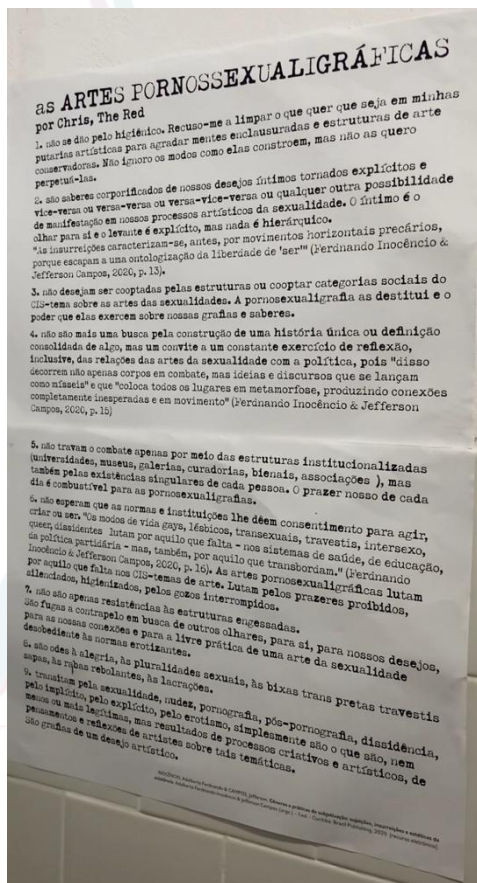
binárias e quer trazer o essencial para o centro: as artes das sexualidades são sobre nós como seres do mundo, como expressões de um desejo artístico. É um recuperar da nossa voz, da nossa expressão, da nossa escrita, daquilo que se perdeu. É uma ruptura com a ideia do CIS-tema de arte como um conjunto de limites ou padrões ou ainda um campo de jogo com regras pré-definidas e que devem ser respeitadas como aponte no início deste texto a partir de Maria Amélia Bulhões e Pierre Bourdieu. A pornossexualigrafia, pensando junto com Merleau-Ponty, não é sobre percebermos o mundo de forma verdadeira, mas sobre o que percebemos do mundo (2018). “O mundo é não aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (Merleau-Ponty, 2018, p. 14). A pornossexualigrafia não é sobre limitar, esgotar, não é sobre minimizar as artes das sexualidades ao redor de duas ideias – erótico ou pornográfico. A pornossexualigrafia é um convite à ruptura com estes padrões condicionantes e construir caminhos-outros que se cruzam com outros caminhos. É a intersecção das grafias dos meus desejos com as grafias dos desejos de outras “Sujeitas de [r]e[s][x]istência”¹³ (de Sousa, 2022). Não tenho a menor pretensão de esgotar esta ideia neste texto. Na realidade, isto é só um começo¹⁴. Até mesmo porque não acredito em conclusões ou conceitos fechados em si mesmo. No entanto, gostaria de cortar aqui a escrita deste texto com duas imagens. Primeiro, na Figura 04, trago o texto-objeto *As Artes Pornossexualigráficas* (2022) que compôs a instalação pornossexualigráfica #02 que fez

¹³ Apresento esta ideia de “sujeitas de [r]e[s][x]istência” na minha dissertação de mestrado ao defender que as pessoas que transitaram pela minha jornada-mestrado não eram meros instrumentos para a construção de um resultado de um mestrado. O velho sistema observador/ser observado não cabia. “Toda a potência desta pesquisa se perderia se as pessoas fossem reduzidas a simplesmente ‘objetos de discurso e não sujeitos de conhecimento’ (Campos; Silva; da Silva, 2020, p. 28). Aqui, os saberes são múltiplos e oriundos de espaços diversos: da rua, do afeto, da cama, do gozo, da universidade, do bate-papo, do cu, da liberdade de ser [...] o que busco é a construção de saberes com as sujeitas de [r]e[s][x]istência” (de Sousa, 2022, p. 36).

¹⁴ Afirmo que é só o começo, pois o que começou durante o mestrado está sendo continuado, atualmente, no doutorado. A ideia em torno da pornossexualigrafia apresentada na minha dissertação-manifesto do mestrado agora está sendo aprofundada na minha pesquisa de doutorado em torno da construção do que, neste momento, estou chamando de Fenomenologia da Pornossexualigrafia.

parte da exposição *Verbo, Enigma, Dispersão* (2022)¹⁵. Segundo, na Figura 05, trago frame do vídeo *Manifesto Pornossexualigráfico / porras de uma dissertação* (2023)¹⁶, que também fez parte da exposição *Erotic* (2023).

Figura 04: As Artes Pornossexualigráficas



Chris, The Red. *As Artes Pornossexualigráficas*. Texto-Objeto. 2022. Rio de Janeiro/RJ. Acervo: artista.

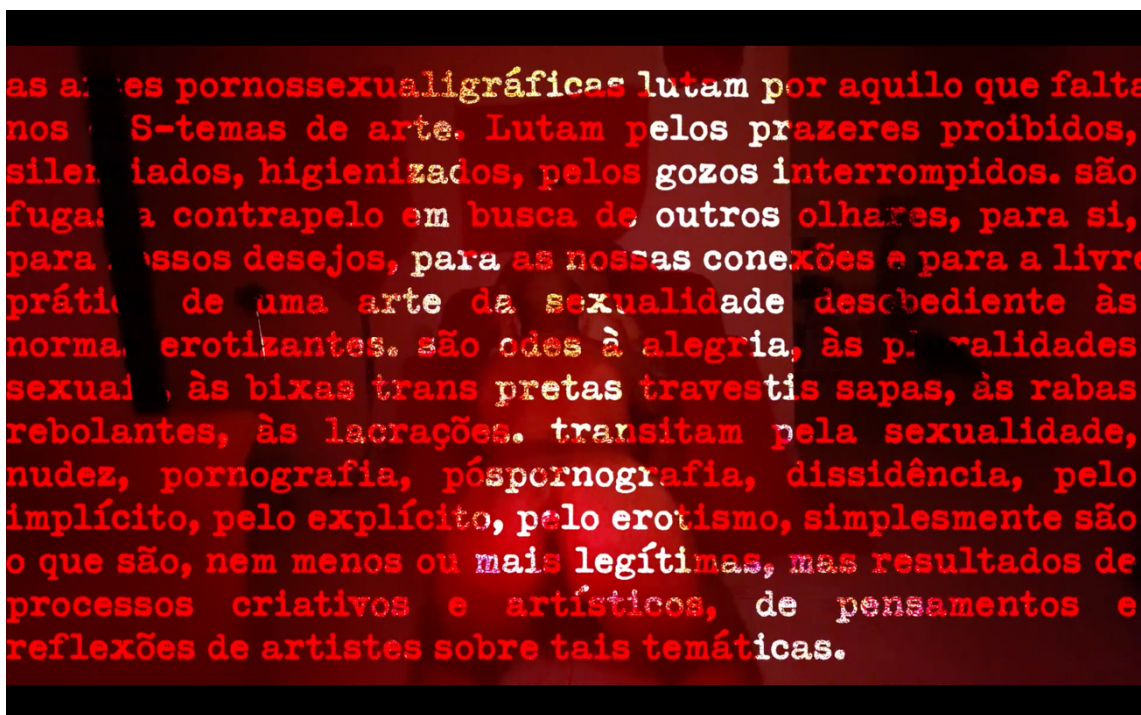
Acessibilidade: a imagem está em formato vertical e é uma foto do texto-objeto intitulado *As Artes Pornossexualigráficas*. O texto está impresso em preto em papel na cor branca tamanho A3 (29,7 por 42 cm) e colado em uma parede de azulejos de cor creme clara. No topo da folha, tem impresso o título da obra “*As Artes Pornossexualigráficas*”, seguido logo abaixo pelo nome do artista Chris, The Red. Em seguida, ocupando a maior parte da folha tem os seguintes dizeres:

¹⁵ A exposição *Verbo, Enigma, Dispersão* teve curadoria de Analu Cunha, Inês de Araújo e Regina de Paula e aconteceu no Tropicallpão, Rio de Janeiro/RJ, nos dias 10, 11 e 13 de dezembro de 2023. Disponível em <http://theredstudio.com.br/index.php/portfolio/exposicoes/653-verbo-enigma-dispersao>. Acesso em 26 de março de 2024.

¹⁶ Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1GrpRudfyK2cYWF7tZ7I7bUzJbbDCVn8i/view?usp=sharing>. Acesso em 26 de março de 2024.

1. não se dão pelo higiênico. Recuso-me a limpar o que quer que seja em minhas putarias artísticas para agradar mentes enclausuradas e estruturas de arte conservadoras. Não ignoro os modos como elas constroem, mas não as quero perpetuá-las.
2. são saberes corporificados de nossos desejos íntimos tornados explícitos e vice-versa ou versa-versa ou versa-vice-versa ou qualquer outra possibilidade de manifestação em nossos processos artísticos da sexualidade. O íntimo é o olhar para si e o levante é explícito, mas nada é hierárquico. “As insurreições caracterizam-se, antes, por movimentos horizontais precários, porque escapam a uma ontologização da liberdade de ‘ser’” (Inocência & Campos, 2020, p. 13).
3. não desejam ser cooptadas pelas estruturas ou cooptar categorias sociais do CIS-tema sobre as artes das sexualidades. A pornossexualigrafia as destitui e o poder que elas exercem sobre nossas grafias e saberes.
4. não são mais uma busca pela construção de uma história única ou definição consolidada de algo, mas um convite a um constante exercício de reflexão, inclusive, das relações das artes da sexualidade com a política, pois “disso decorrem não apenas corpos em combate, mas ideias e discursos que se lançam como mísseis” e que “coloca todos os lugares em metamorfose, produzindo conexões completamente inesperadas e em movimento” (Inocência & Campos, 2020, p. 15).
5. não travam o combate apenas por meio das estruturas institucionalizadas (universidades, museus, galerias, curadorias, bienais, associações...), mas também pelas existências singulares de cada pessoa. O prazer nosso de cada dia é combustível para as pornossexualigrafias.
6. não esperam que as normas e instituições lhe dêem consentimento para agir, criar ou ser. “Os modos de vida gays, lésbicos, transexuais, travestis, intersexo, queer, dissidentes... lutam por aquilo que falta – nos sistemas de saúde, de educação, da política partidária – mas, também, por aquilo que transbordam.” (Inocência & Campos, 2020, p. 16). As artes pornossexualigráficas lutam por aquilo que falta nos CIS-temas de arte. Lutam pelos prazeres proibidos, silenciados, higienizados, pelos gozos interrompidos.
7. não são apenas resistências às estruturas engessadas. São fugas a contrapelo em busca de outros olhares, para si, para nossos desejos, para as nossas conexões e para a livre prática de uma arte da sexualidade desobediente às normas erotizantes.
8. são odes à alegria, às pluralidades sexuais, às bixas trans pretas travestis sapas, às rabas rebolantes, às lacrações.
9. transitam pela sexualidade, nudez, pornografia, póspornografia, dissidência, pelo implícito, pelo explícito, pelo erotismo, simplesmente são o que são, nem menos ou mais legítimas, mas resultados de processos criativos e artísticos, de pensamentos e reflexões de artistas sobre tais temáticas. São grafias de um desejo artístico.

Figura 05: Manifesto Pornossexualigráfico



Chris, The Red. Manifesto Pornossexualigráfico / porras de uma dissertação. Vídeo 4'20". 2023. Rio de Janeiro/RJ. Acervo: artista. (Frame)

Acessibilidade: a imagem está em formato horizontal e é um frame de um vídeo do artista e autor do artigo intitulado Manifesto Pornossexualigráfico, porras de uma dissertação. O frame é composto por um texto que ocupa a tela inteira em tons de vermelho na sua maior parte com alguns pedaços em branco e amarelo. O texto se sobrepõe a uma imagem de duas corpos que estão em uma sala com uma luz vermelha. Uma das corpos está de quatro no sofá enquanto a outra, também de quatro, está apoiada no chão chupando o cu da outra corpa. O texto traz o seguinte: “as artes pornossexualigráficas lutam por aquilo que falta nos CIS-temas de arte. Lutam pelos prazeres proibidos, silenciados, higienizados, pelos gozos interrompidos. São fugas a contrapelo em busca de outros olhares, para si, para nossos desejos, para as nossas conexões e para livre prática de uma arte da sexualidade desobediente às normas erotizantes. São odes à alegria, às pluralidades sexuais, às bixas trans pretas travestis sapas, às rabas rebofolantes, às lacrações. transitam pela sexualidade, nudez, pornografia, póspornografia, dissidência, pelo implícito, pelo explícito, pelo erotismo, simplesmente são o que são, nem menos ou mais legítimas, mas resultados de processos criativos e artísticos, de pensamentos e reflexões de artistas sobre tais temáticas.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** . In: O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p.25-51.
- ATTIMONELLI, Claudia. **Pornocultura: viagem ao fundo da carne**. Claudia Attimonelli e Vincenzo Susca. Traduzido por Simone Ceré. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BULHÕES, Maria Amélia. **O sistema da arte mais além de sua simples prática** In: As Novas Regras do Jogo: o sistema da arte no Brasil. Maria Amélia Bulhões et al. Porto Alegre: Zouk, 2014.
- CAMPOS, Jefferson; SILVA, Guilherme Araújo; DA SILVA, Bruno Barra. Ser bixa preta afeminada na ordem do discurso acadêmico. *In: Gêneros e práticas de subjetivação: sujeições, insurreições e estéticas da existência*. Brazil Publishing. 2020.
- COLLING, Leandro. Prefácio In: **Metafísicas sexuais: canibalismo e devoração de Paul B. Preciado na América Latina** / organizadores Martin de Mauro Rucovsky, Bryan Axt. 1 ed.Salvador/BA: Devires, 2022.
- DE SOUSA, Christian Gustavo. Retratos Pornossexualigráficos: as histórias contadas pelas sujeitas de [r]e[s][x]istências no romper anti-higiênico com o CIS-tema de arte. 2022. 314 f. **Dissertação** (mestrado) Orientadora: Mônica Zielinsky. Coorientador: Leandro Colling. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- DE SOUSA, Christian Gustavo. Artes pornossexualigráficas: o romper anti-higiênico com o cis-tema de arte. Texto gozado de uma dissertação-manifesto *In: Arte da Resistência*. Organizador Leandro Colling. 1.ed. Salvador, BA: Devires. 2022.
- DELEUZE, Gilles. (1996). **O que é um dispositivo?** In: G. Deleuze, O mistério de Ariana (pp. 83-96). Lisboa: Vega.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. 1954-1988 III. 1976-1979. Éditions Gallimard.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: P. Rabinow, & H. Dreyfus (Eds.), Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política** / Michel Foucault: organização e seleção de textos Manoel Burros da Moita; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. -- Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

INOCÊNCIO, Adalberto Ferdnando & CAMPOS, Jefferson. **Gêneros e práticas de subjetivação: sujeições, insurreições e estéticas da existência**. Adalberto Ferdnando Inocêncio & Jefferson Campos (orgs.) – 1.ed. - Curitiba: Brazil Publishing, 2020. [recurso eletrônico].

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. Tradução Tereza Lourenço. São Paulo. Estação Liberdade, 2002.

KENDRICK, Walter. **El museo secreto. La pornografía en la cultura moderna**. Colômbia: Tercer Mundo, 1995 (ePub).

KURY, Bruna. **"Pós-pornografia": conheça o movimento que mistura sexo, política e arte**. Site Universa UOL. Helena Bertho. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/05/09/pos-pornografia-conheca-o-movimento-que-mistura-sexo-politica-e-arte.htm>. Acesso 30 de julho de 2023.

KURY, Bruna. **A pós-pornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade**. São Paulo: FERALIVRE, 2021.

MAFFESOLI, Michel. **O Mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MEDEIROS, Afonso. **O imaginário do corpo : entre o erótico e o obsceno : fronteiras líquidas da pornografia** / Afonso Medeiros (org.) ; Raimundo Martins (ed.). – Goiânia: FUNAPE, 2008. 1v. – (Coleção desenredos; 4).

MEDEIROS, Afonso. **Apontamentos para uma cartografia da história da arte pornoerótica**. In.: Anais [do] 19º Encontro da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Cachoeira, BA, 20 a 25 de setembro de 2010 / Maria Virginia Gordilho Martins, Maria Hermínia Olivera Hernández (organizadoras). - Salvador: EDUFBA, 2010. (p.460 - 474). Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/jose_afonso_medeiros_souza.pdf. Acesso em 30 julho 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia?** São Paulo. Abril Cultural. Brasiliense, 1985.

NOGUEIRA, Fernanda. **O Movimento de Arte Pornô no Brasil**. “Genealogias ficcionais” das pornografias do Sul In: Caderno Sesc_Videobrasil: alianças de corpos vulneráveis: feminismos, ativismo bicha e cultura visual/ realização do Serviço Social

do Comércio e Associação Cultural Videobrasil; curadoria de Miguel A. López. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: Videobrasil, 2015, 144p. il. bilíngue (português/inglês).

NOVADVORSKI, Bruno. **Dispositivo de arte: meu corpo contrassexual e artístico**. Porto Alegre: Ars Sexualis, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. 172 p. il. color. ISBN 978-65-5973-070-4 (E-book .pdf)

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017

PRECIADO, P. B. **Museu, lixo urbano e pornografia**. Revista Periódicos, [S. l.], v. 1, n. 8, p. 20–31, 2018. DOI: 10.9771/peri.v1i8.23686. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/23686>. Acesso em: 30 jul. 2023.

SARMET, Érica. **Pós-pornô, dissidência sexual e a situación cuir latino-americana: pontos de partida para o debate**. Revista Periódicos, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 258–276, 2014. DOI: 10.9771/peri.v1i1.10175. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/%20revistaperiodicos/article/view/10175>. Acesso em: 30 jul. 2023.

SPRINKLE, Annie. **Post Porn Brunch** / Tim Stüttgen, Elizabeth Stephens, Annie Sprinkle e Cosey Fanni Tutti. In: Stüttgen Tim (ed.). Post Porn Politics. Berlim: b_books, 2010.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade** / Viviane Vergueiro. - 2016. 244 f. Orientador: Prof. Dr. Djalma Thürler. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

The only thing that differentiates pornography from erotic is the spelling.
And of course, our opinion. Some notes on the arts of sexualities

Abstract: This article arises from my research that began in my master's degree and continued in my doctorate, with the main focus being the arts of sexualities, in which I sought to make a critical analysis of how the CIS-theme of art brings these themes, categorizing them between erotic and pornographic arts and the problems and violence that arise along with this division. In this text, I trace the paths that led me to affirm that the only difference between pornography and erotica is in the spelling of these words and based on this statement, I propose the concept of Pornosexualigraphy to think about

the arts of sexualities starting from concepts such as contrasexuality (Preçado, 2017) and post-pornography (Sprinkle, 2010; Kury, 2018, 2021), as well as the definitions of CIS-art theme in conversation with the idea of Art Device (Novadvorski, 2021).

Keywords: Art. Sexuality. Pornography. Erotic. Pornosexualigraphy.

Recebido: 30/07/2023

Aceito: 26/03/2024

